



e-ISSN 2238-8885

**ENTRE AMADORES E PROFISSIONAIS:
ORIGENS E TRANSFORMAÇÕES DO AMADORISMO NO
MOVIMENTO OLÍMPICO**

**Between amateurs and professionals:
origins and transformations of amateurism in the
Olympic Movement**

**Entre amateurs y profesionales:
orígenes y transformaciones del amateurismo en el
Movimiento Olímpico**

Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha¹

Resumo:

A noção de amadorismo comporta distintos significados. Ao longo da história do esporte olímpico, o amadorismo esteve cercado de controvérsias e experimentou o apogeu e o declínio. Neste artigo, a partir de revisão bibliográfica, analisam-se as raízes históricas e sociais do amadorismo no esporte, destacando o papel do Comitê Olímpico Internacional na definição desse conceito, seu viés de exclusão social e suas implicações morais e éticas. O artigo aborda ainda a transição para o profissionalismo no esporte olímpico, considerando as condições culturais e políticas que permitiram esse processo.

Palavras-chave: Amadorismo. Esporte. Jogos Olímpicos.

Abstract:

The concept of amateurism has different meanings. Throughout the history of Olympic sports, amateurism has been surrounded by controversy and has experienced its peak and decline. This article, based on a bibliographic review, analyzes the historical and social roots of amateurism in sports, highlighting the role of the International Olympic Committee in defining this concept, its bias towards social exclusion, and its moral and ethical implications. The article also addresses the transition to professionalism in Olympic sports, considering the cultural and political conditions that allowed this process.

Keywords: Amateurism. Sport. Olympic Games.

Resumen:

La noción de amateurismo tiene diferentes significados. A lo largo de la historia del deporte olímpico, el amateurismo ha estado rodeado de controversias y ha experimentado su apogeo y su declive. En este artículo, a partir de una revisión de la literatura, se analizan las raíces históricas y sociales del amateurismo en el deporte, destacando el papel del Comité Olímpico Internacional en la definición de este concepto, su sesgo de exclusión social y sus implicaciones morales y éticas. El artículo también aborda la transición al profesionalismo en el deporte olímpico, considerando las condiciones culturales y políticas que permitieron este proceso.

Palabras clave: Amateurismo. Deporte. Juegos Olímpicos.

Introdução

Em 14 de julho de 2021, apresentei remotamente, a convite do Sesc Pompéia, uma palestra sobre o amadorismo no esporte olímpico na mesa “Quando ser já é um ato político”, sessão inaugural do Encontro de Estudos Esportivos². O amadorismo foi um tema que apareceu reiteradamente no desenvolvimento da minha tese (AMARO, 2018), ainda que não fosse seu foco central. O evento no Sesc se revelou então uma oportunidade para aprofundar um pouco mais essa discussão, que abordo, de forma revista, nas próximas páginas.

Discutir o amadorismo pode parecer, em alguma medida, uma questão anacrônica, tendo em vista o nível de profissionalização do esporte atualmente. No entanto, como ficará mais claro a seguir, os reflexos de uma cultura amadora ainda reverberam no Movimento Olímpico contemporâneo. Se hoje o profissionalismo nos parece a forma quase natural por meio da qual os atletas vivenciam o esporte, outrora esse posto era ocupado pelo amadorismo. Essa naturalização, comum em processos sociais que se popularizam e se tornam hegemônicos, deve ser investigada pelos cientistas sociais. Cabe ao pesquisador desnaturalizar os conceitos, explicar suas origens, as lutas entre diferentes atores, enfim, o processo sócio-histórico que atravessa seu desenvolvimento: “Historicizar os termos em que se formulam os debates é já uma forma de

acesso aos combates, aos conflitos e lutas que atravessam os discursos e as coisas” (BARBERO, 1997, p. 21).

O objetivo deste artigo será, assim, apresentar alguns momentos-chave para entender a questão do amadorismo no esporte olímpico³. O amadorismo será compreendido aqui tanto enquanto um conjunto de ideias (que prega, de modo bem generalista, a competição desinteressada, sem possibilidade de ganhos materiais) quanto como um sistema de práticas e formas de organização que moldaram os primeiros momentos do esporte. O argumento posto por diferentes autores é que, ao contrário de uma mera filosofia esportiva, o amadorismo foi um instrumento eficaz de alijamento de determinadas pessoas da prática esportiva.

A criação dos Jogos Modernos

Antes de entrar propriamente na discussão sobre as diferentes definições de amadorismo, o percurso histórico desse regramento e suas implicações esportivas, gostaria de retroceder e discorrer brevemente sobre a reinstituição dos Jogos Olímpicos na Era Moderna.

Em primeiro lugar, é importante ponderar que os Jogos Olímpicos abarcam os esportes ditos modernos, que ganham impulso especificamente no século XIX, em especial na Inglaterra, e possuem algumas características muito distintas, conforme exposto por Allen Guttman: “secularismo, igualdade de oportunidade para competir e, nas condições de competição, especialização de papéis, racionalização, organização burocrática, quantificação e a busca pelo recorde” (1978, p. 16⁴). É importante nesse momento que nos atentemos em especial às questões da igualdade de oportunidades para competir e à especialização de papéis, porque elas retornarão em outras partes do texto.

Patrick Clastres considera, resumidamente, que a “reinvenção dos Jogos Olímpicos é uma peça diplomática e esportiva que foi jogada em três atos” (2004, p. 283). O primeiro deles foi o “Congresso internacional para a propagação dos exercícios físicos através da educação”, organizado em junho de 1889 por Pierre de Coubertin e pelo ministro francês da instrução pública, Jules Simon. O evento possibilitou a formação da “primeira rede internacional de pedagogia esportiva”. O segundo ato transcorre em novembro de 1892, quando Coubertin apresenta, pela primeira vez, suas ideias sobre os Jogos Olímpicos durante o congresso comemorativo do quinto aniversário da *Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques* (USFSA). No referido encontro da USFSA, Coubertin, então secretário-geral dessa entidade, solicitou a colaboração dos presentes para “continuar e completar, sobre uma base adequada às condições da vida moderna, esta tarefa saudável e grandiosa, a restauração dos Jogos Olímpicos”

(COUBERTIN, 2015, p. 289). Pela incipiência dessa ideia, nem todos entenderam direito o propósito do que lhes era apresentado (CLASTRES, 2010, p. 4).

Essas duas primeiras etapas confluem para um terceiro e decisivo ato: a definição da programação do Congresso Internacional da USFSA, em 1894. Aproveitando-se de sua posição na organização desse congresso, Coubertin acrescentou mais um ponto à ordem do dia do evento: “o princípio de renascimento dos jogos antigos”. O tema geral do congresso era o amadorismo, assunto premente e que atraía muita atenção naquele momento. Apesar da importância dessa discussão, John Lucas (1974) aponta que o amadorismo foi apenas um subterfúgio usado por Coubertin para convocar, em 1894, um congresso ainda maior que o de 1892 e apresentar sua proposta para a refundação dos Jogos Olímpicos na Era Moderna.

Por fim, os treze países presentes nesse Congresso, realizado entre os dias 16 e 23 de junho de 1894, concordaram com a reinstituição dos Jogos Olímpicos na modernidade, escolhendo Atenas como primeira sede e criando o Comitê Olímpico Internacional (COI). Esse encontro é considerado oficialmente como o primeiro Congresso Olímpico da história moderna (CHATZIEFSTATHIOU; HENRY, 2012, p. 27).

No mais, Coubertin não teria sido bem-sucedido em seu objetivo se não tivesse investido em promover o esporte olímpico como uma versão universal do esporte, com características perenes e baseadas em um movimento teleológico de longa duração. Como vimos, já nesse primeiro momento o amadorismo se apresenta como central para entendermos o processo de constituição do movimento olímpico moderno. Junto a ele estavam o fair-play/cavalheirismo e o pacifismo como os três principais valores que Coubertin buscou conferir ao espírito olímpico desde seu início.

Origens do amadorismo

Willian Morgan (1993, p. 474-475) elenca seis sentidos possíveis para o amadorismo: (1) o senso mitológico, que remontaria à Grécia antiga (o que, para ele, seria uma falsa aceção, mas ainda assim pregnante); (2) o senso aristocrático britânico, que excluía da prática esportiva todos aqueles vistos como inferiores socialmente; (3) o senso liberal burguês, uma versão mais “democrática e igualitária” do senso aristocrático, pois elimina o traço de segregação da classe trabalhadora; (4) o senso moral, que pressupõe o amadorismo como o “amor ao esporte por ele mesmo”, sem interesses outros; (5) o senso não-vocacional (hobby, diversão) – o atleta deve ter outro meio de vida para não depender unicamente do esporte para seu sustento, o que o faria

deixar de ser um passatempo; (6) o sentido de não especialista, que coloca o amador como um principiante, alguém não habilitado. Essa variedade de acepções aparecerá em diferentes momentos na história do amadorismo olímpico, como veremos a seguir.

Em sua raiz etimológica francesa, amadorismo designaria “aqueles que amam”. No senso comum, tem-se, de fato, essa acepção de amador como aquele que faz algo por amor, o que também aparece em falas de dirigentes do COI. Segundo Stephen Wagg (2012, p. 322), no século XVII, a palavra amador era usada na França para se referir a um “conhecedor das belas artes”, não possuindo, assim, correlação com o esporte até o século XIX. Richard Gruneau (2006, p. 570) aponta que a primeira associação esportiva com a palavra “Amador” em seu nome aparece na Inglaterra apenas na metade dos anos 1860.

Um erro muito comum é atribuir a gênese do amadorismo aos jogos olímpicos da antiguidade clássica. Um dos promotores dessa ideia foi Avery Brundage, presidente do COI de 1952 a 1972. Não há, contudo, comprovação histórica sobre os gregos antigos adotarem uma concepção de amadorismo no esporte. John Lucas (1992) salienta que o termo “atleta amador” nunca existiu na língua grega antiga. Dada a ausência de base histórica na antiguidade, poderíamos mesmo considerar o amadorismo como uma “tradição inventada” (Hobsbawm, 1997) no século XIX.

De acordo com Mike Huggins (2004), os britânicos usaram o termo pela primeira vez como “um sinônimo para um patrono de classe alta ou entusiasta do esporte (que ganhasse ou não dinheiro com o esporte)” (Apud GLEAVES, 2011, p. 239). Sobre essa gênese britânica do conceito de amadorismo, Eric Dunning e Kenneth Sheard, assumem que “o amadorismo pode ser entendido como um ‘ethos’ ideológico distintamente moderno que surgiu para articular e promover a visão de mundo das ‘elites das escolas públicas’ [britânicas] do século XIX” (Gruneau, 2006, p. 560). Complementarmente, para Guttmann (1978), o amadorismo seria, no campo do esporte, uma invenção das classes média e alta vitorianas, visando a exclusão das classes “inferiores” do divertimento da classe “ociosa”.

Mesmo considerando uma origem moderna para o amadorismo, aspectos comerciais já estavam paradoxalmente presentes desde esse momento nas práticas esportivas. Por exemplo, Gruneau (2006) aponta que corridas de barco eram populares e ofereciam prêmios em dinheiro nos EUA no começo do século XIX, bem como o boxe e também o esporte universitário norte-americano (atletismo e beisebol nomeadamente). O autor menciona ainda que nesse ambiente esportivo não era incomum que membros das classes mais altas competissem nas mesmas provas de trabalhadores manuais e comerciantes. No Brasil, no século XIX, em especial no turfe e, em

menor escala, no remo, o caráter comercial, principalmente nas apostas, também estava presente, como fartamente documentado nas obras de Victor Andrade de Melo (2001).

Uma hipótese plausível para o surgimento das ideias que sustentam o amadorismo aponta que ele poderia ser oriundo de dois impulsos aparentemente contraditórios, segundo Gruneau (2006, p. 565): de um lado, “o desejo consciente de classe e frequentemente racista de excluir do esporte pessoas que possam ser definidas como socialmente inferiores”; de outro, “a crença de que o esporte pode ser uma arena importante para a educação de jovens e, depois, mulheres jovens, em um conjunto de valores culturais racionais e positivos”.

Rastreando ainda mais as raízes do amadorismo, Gruneau (2006) retoma a ascensão do liberalismo, dos direitos civis e da industrialização na Inglaterra do século XIX. Esses e outros fatores associados à modernidade na virada do século XVIII para o XIX criaram inseguranças, medo e um senso de crise nas classes altas britânicas. Em paralelo, o crescimento de lazeres urbanos como a bebida, as apostas e os esportes violentos chocaram a classe média, que desejava ordem moral e social (GRUNEAU, 2006, p. 565). Um ponto importante, destacado por John Gleaves (2011), é que as classes médias tendiam a defender apaixonadamente o amadorismo como forma de se conectar às classes mais altas, logo, um signo de prestígio. Se adotasse o profissionalismo, um médico inglês, por exemplo, seria associado às classes trabalhadoras, populares, o que o rebaixaria socialmente. Nessa nova configuração, as classes mais altas se sentiam menos compelidas, como outrora, a patrocinar competições populares envolvendo classes vistas como inferiores e, obviamente, também pouco propensas a competir nesses eventos (GRUNEAU, 2006, p. 566). Com isso, cresciam os eventos e lazeres restritos a uma minoria rica da população.

Um exemplo significativo, citado por Gleaves (2011, p. 240), é o da *British Amateur Rowing Association*, que definia como amador um remador que não apenas nunca competiu por pagamento como também nunca foi “empregado em ou sobre barcos por dinheiro ou salários”. No século XIX, isso excluía qualquer pessoa que “tivesse sido, por negócio ou emprego por salários, um mecânico, artesão ou trabalhador braçal” (Ibid., p. 240). Essa exclusão levou os remadores amadores de origem humilde a fundar a Associação Nacional de Remo Amador em 1890, conforme apontado por Wagg (2012, p. 322). Também o *Amateur Athletic Club* (AAC), entidade aristocrática inglesa, em oposição à abertura social promovida pelos jogos olímpicos na cidade inglesa de Wenlock, em meados do século XIX, definiu como profissional todo atleta que tivesse participado de uma edição daquela competição. A medida subtraía dos trabalhadores (mecânicos, artesãos) a possibilidade de serem considerados amadores e foi responsável direta pelo fracasso do evento organizado pelo ilustre William Penny Brookes (YOUNG, 2010, p. 44).

Brookes era um promotor do esporte no século XIX e organizou “jogos olímpicos” em sua comunidade com prêmios em dinheiro e abertos à participação de todos os competidores.

Em paralelo a essa visão do amadorismo como um vetor de exclusão social, andava a assunção do amadorismo como um valor moral que deveria ser universalizado para todas as classes e o maior número possível de pessoas, o que definia a concepção mais evangélica do termo, como uma força civilizacional da vida ocidental. No curso da história do esporte, o amadorismo passou a ser associado aos benefícios do esporte, como a construção do caráter, e foi mesmo apropriado por agentes e empreendedores esportivos que estavam longe de serem considerados eles mesmos amadores.

Amadorismo nos Jogos Olímpicos: percurso histórico até a Segunda Guerra Mundial

Adentrando no debate histórico sobre o amadorismo, temos de retornar ao Congresso de 1894. Na própria carta-convite para esse evento, fica evidente a premência dessa discussão – dos dez temas em pauta, sete versavam sobre o amadorismo e apenas três sobre os Jogos Olímpicos. Dizia essa carta de forma bem contundente:

[...] Para se defender do espírito do lucro e do profissionalismo que ameaça invadir suas fileiras, os amadores, na maioria dos países, elaboraram regras complicadas cheias de compromissos e contradições; além disso, com demasiada frequência, sua letra é mais respeitada do que seu espírito. A reforma é imperativa e, antes de ser empreendida, deve ser discutida [...] (BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, 1894, apud MacALOON, 2006, p. 539).

Era justamente para realizar essa discussão, aludida na carta, que, durante esse mesmo Congresso, foram formadas duas comissões: uma para debater efetivamente a questão do amadorismo e outra para discutir os Jogos Olímpicos. Ao final, as conversas da primeira comissão resultaram em alguns pontos gerais sobre o amadorismo, dentre os quais o primeiro propunha:

I. Que seja considerado amador no atletismo: Qualquer pessoa que nunca tenha participado de uma competição aberta a todos, nem tenha competido por um prêmio em dinheiro ou por uma quantia em dinheiro, de qualquer origem, em particular de admissões no campo de jogo, ou com profissionais, e que nunca tenha sido, em qualquer período de sua vida, professor ou instrutor assalariado de exercícios físicos (BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, 1894, p. 4).

Cumpre salientar, seguindo Ritchie (2014, p. 826), a dificuldade que seria para o COI naquele momento fiscalizar o cumprimento efetivo dessas regras. Essa dificuldade de controle já se verificava em outras grandes entidades da época, como a *Amateur Athletic Union* (AAU) e a *National Collegiate Amateur Athletic Association* (NCAAA), ambas nos EUA. Dessa forma, esgrimistas profissionais competiram nos Jogos de 1896 e 1900, bem como ciclistas profissionais norte-americanos em 1904. O próprio vencedor da maratona de 1896 ganhou 25 mil dracmas do governo grego. Essas concessões, obviamente, não foram bem-vistas pelos defensores mais puristas do amadorismo, que fizeram lobby para que o COI endurecesse as regras em torno do tema.

Na década de 1900, o COI chegou a encaminhar por duas vezes (WAGG, 2012, p. 323) em seu boletim informativo (a *Revue Olympique*) uma sondagem para que os clubes informassem as definições de amador que aplicavam internamente. A multiplicidade de respostas trouxe mais confusão do que esclarecimento à entidade olímpica, o que fica evidente, por exemplo, no apêndice E do Relatório da Olimpíada de Londres/1908, que elencava diferentes definições de amadorismo elaboradas até aquele momento.

A discussão continuou, assim, no ciclo olímpico de 1908 a 1912, com a participação das entidades esportivas e mesmo da imprensa (vide uma extensa pesquisa conduzida pelo diário britânico *The Sporting Life* sobre o amadorismo, em 1909). As questões levantadas então, com lentes contemporâneas, podem parecer bastante esdrúxulas. A título ilustrativo, apresento abaixo algumas perguntas que o COI encaminhou, em 1909, às federações e sociedades esportivas sobre a questão do amadorismo:

- Você está de acordo que não se pode ser profissional em um esporte e amador em outro?;
- Você está de acordo que um professor pode, ao contrário, ser amador no esporte que ele ensina?;
- Você concorda que um amador que se torna profissional não pode mais recuperar sua qualidade de amador?;
- Você permite reembolso a amadores de despesas de transporte e hotel? Até que limite?;
- Você concorda que podemos perder a qualidade de amador pelo simples contato com um profissional? (REVUE OLYMPIQUE, 1909, p. 128).

Para entender as consequências práticas dessas medidas, precisamos lembrar também as punições emblemáticas de atletas olímpicos. Um dos primeiros casos foi o protesto da delegação estadunidense contra a participação, na maratona dos Jogos de 1908, do corredor indígena canadense Tom Longboat, que era acusado de ser profissional (por ter corrido por dinheiro) segundo a deliberação da *Amateur Athletic Union* dos EUA. A reclamação não foi acatada pelo

Conselho Olímpico Britânico, organizador daquela Olimpíada, porque o Comitê Nacional canadense era a única autoridade competente para declarar o atleta amador ou não (e, nesse caso, ele era considerado amador pela entidade canadense). Wagg (2012, p. 325) aponta que o caso de Longboat tinha “raízes tanto na classe social e na raça quanto na rivalidade nacional”. Ou seja, o amadorismo nesse como em outros casos poderia apenas mascarar questões sociais e políticas mais amplas.

Esses debates persistem nas Sessões Olímpicas⁵ de 1910 e 1911, desembocando na definição de 1912, que era bem restritiva. Nesse ano, o COI adota posição um pouco mais dura sobre o amadorismo, ratificando “oficialmente a [proibição da] participação de qualquer pessoa que tivesse recebido qualquer ganho monetário a qualquer momento para ensinar ou participar de qualquer tipo de esporte” (GRUNEAU, 2006, p. 573). Nos Jogos de Estocolmo, em 1912, outro atleta de origem indígena voltaria a ser acusado de profissionalismo: Jim Thorpe, filho de uma nativa norte-americana e de um irlandês. Thorpe teve suas medalhas no pentatlo e no decatlo confiscadas. O fato surpreendente é que foi a própria imprensa norte-americana que acusou Thorpe pelo seu suposto profissionalismo (ele teria competido pela liga profissional norte-americana de futebol entre 1909 e 1910). Thorpe foi punido retroativamente, em 1913, pelas novas regras do amadorismo, que entraram em vigor logo depois dos Jogos de 1912. Novamente, fica patente a atitude mais racista do que propriamente baseada nas regras do esporte.

Diante das dificuldades em definir consensualmente o amadorismo enquanto uma ideia e estabelecer uma regra válida universalmente para diferentes esportes, um dos expedientes utilizados pelo COI era delimitar o que o amadorismo não era. Logo, um dos primeiros e mais duradouros inimigos apontados pelo amadorismo era o capital. Por esse ponto de vista, os vícios derivados do dinheiro desembocariam no profissionalismo. Havia, é claro, uma gradação entre os defensores do amadorismo: desde os mais ferrenhos até aqueles que julgavam que algumas formas de compensação seriam aceitáveis. Esse duelo pode ser visto nas mudanças de posição do COI sobre o tema ao longo de sua história.

Assim, nas duas primeiras cartas olímpicas (1908 e 1911), não havia menção ao termo amador, que só vai aparecer nas páginas oito e nove da carta de 1920 e ainda assim sem regulamentações específicas (apenas mencionava-se a reunião dos amadores de todas as nações nas celebrações olímpicas e que os amadores deveriam ser reconhecidos por seus respectivos comitês olímpicos nacionais). Uma formalização mais contundente consta apenas na carta de 1924, que definia as Federações Internacionais como responsáveis por determinar o status de amador e, caso não houvesse uma Federação Internacional de dado esporte, caberia ao comitê

organizador dos Jogos estabelecer essa definição. Essa carta previa também a eliminação dos atletas que descumprissem essas regras.

Um ano antes, em 1923, havia se voltado a discutir, no âmbito olímpico, a possibilidade de pagamento de indenização para os atletas mais necessitados pelo tempo de afastamento de seus trabalhos. Esse ponto, contudo, não foi aprovado pela subcomissão do COI responsável pelo tema. Em 1924, nova Sessão do COI acrescenta mais um elemento a definição de amador: “O Comitê Olímpico Internacional considera que deve ser entendido por ‘amador’ aquele que não retira qualquer lucro significativo e está pronto para declará-lo sob honra por escrito” (Ata da 23ª Sessão do COI apud COSTA, 2012, p. 70).

Em 1925, durante a Sessão do COI em Praga, ainda restavam em aberto inúmeras questões acerca do amadorismo (foram discutidos 15 tópicos). Buscou-se chegar a uma definição que contemplasse todas as Federações Internacionais, mas que guardava muitas semelhanças com as definições anteriores:

É amador aquele que se entrega ao esporte somente pelo esporte sem obter dele seu sustento diretamente. É profissional quem obtém da prática do esporte todo ou parte de seus meios de subsistência. É unanimemente mantido o princípio de que: aquele que é profissional em um esporte não deve poder ser nem se tornar amador em outros esportes (Ata da 24ª Sessão do COI apud COSTA, 2012, p. 70).

Nessa mesma Sessão, também foram deliberadas a questão dos professores (que ainda eram considerados profissionais, porém podiam participar de comitês e júris), o encontro de amadores e profissionais em competições (os primeiros seriam desqualificados) e a manutenção da interdição à compensação por salário perdido (mas o atleta poderia ser reembolsado por despesas de viagem). Esta última questão em específico voltaria a ser debatida na Sessão do COI de 1927 – colocando em pauta o número máximo de dias de viagem a ser reembolsado.

O grande fato da década de 1920, no entanto, seria o rompimento da FIFA com o COI justamente por conta do amadorismo⁶. Matthew Llewellyn (2011) aponta que o Comitê Executivo do COI, indo de encontro às resoluções do Congresso de Praga de 1925, autorizou a concessão de *broken-time payments* (salário pelo tempo não-trabalhado) para os futebolistas amadores durante os Jogos de 1928. Esse era justamente o pleito da FIFA, que gostaria que seus atletas pudessem receber seus salários enquanto competiam nos Jogos. Contrários a essa decisão, inúmeras federações esportivas e órgãos da imprensa britânica, além do próprio comitê olímpico nacional do país, ameaçaram boicotar os Jogos de Amsterdã, em 1928. Ao final, apenas futebol, hóquei e o atletismo feminino inglês não compareceram ao evento⁷.

Acolhendo as críticas que recebeu, no mesmo ano de 1928, o COI adverte as Federações Internacionais de que elas deveriam cumprir os princípios considerados fundamentais do amadorismo. Era um recado claro ao futebol e ao tênis. Na sessão de 1930, o COI decide não inscrever no Programa dos Jogos de 1932 os esportes que não cumprissem os ditames da instituição sobre o amadorismo. Nesse sentido, eram reforçados os critérios de qualificação estabelecidos em 1925: o amador não poderia ser ou ter sido profissional no esporte em que ele competiria ou em qualquer outro esporte; e não poderia receber reembolso ou compensação pelos salários perdidos (é importante pontuar que essas condições também estavam expressas na Carta Olímpica de 1930). Para Alfred Senn (1999, p. 46), o sucesso da Copa do Mundo de 1930, que reuniu atletas profissionais e amadores, contribuiu para que o COI, em represália, retirasse o futebol do programa olímpico de 1932.

Naquela década, outro atleta ilustre seria punido por descumprimento das regras do amadorismo: Paavo Nurmi, finlandês detentor de 12 medalhas olímpicas (em 1920, 1924 e 1928) e de inúmeros recordes. Na década de 1920, Nurmi fez parte dos Finlandeses Voadores, grupo de corredores do país escandinavo que dominaram as provas de longa distância e meio fundo naquele período. Por ter recebido reembolso de despesas e viagem, foi acusado de profissionalismo e não pôde competir nos Jogos de 1932.

Na Sessão Olímpica de 1933, as Federações Internacionais de Atletismo, Handebol, Natação, Remo e Boxe mostravam certo desgaste com essas discussões e “manifestaram não estarem mais disponíveis para realizarem mais reuniões acerca da questão do amadorismo” (COSTA, 2012, p. 76).

Ausente dos Jogos de 1932, o futebol retornaria na edição de 1936, mas, para isso, ambos os lados tiveram de ceder um pouco, o que mostra o quanto o conceito de amadorismo, sendo cada vez mais uma moeda política, acabava se moldando às contingências postas. A FIFA havia retirado a definição de amador de seus estatutos, relegando às Federações Nacionais a responsabilidade sobre isso. Na Sessão do COI de 1935, foi aprovado que nos Jogos de 1936 valeria para o torneio de futebol os estatutos das Federações Nacionais, contanto que os atletas cumprissem o estatuto de amador (COSTA, 2012, p. 74).

Às vésperas da 2ª Guerra Mundial, a Sessão do COI de 1936 deixava registrado em ata “mais uma vez a impossibilidade para as Federações Internacionais de encontrar uma definição comum para o amador” (Ata da 34ª Sessão do COI apud COSTA, 2012, p. 76).

Amadorismo nos Jogos Olímpicos: pós-Segunda Guerra Mundial

Entre as décadas de 1940 e 1960, o COI cerra fileiras em torno do amadorismo, em especial durante a presidência do norte-americano Avery Brundage, de 1952 até 1972. O dirigente se pronunciou eloquentemente, em inúmeros momentos, em defesa do amadorismo, que ele considerava um valor essencialmente bom e positivo para o esporte⁸. Nem Coubertin, segundo presidente do COI, nem Henri Latour, sucessor de Coubertin, foram tão ferrenhos defensores do amadorismo quanto Brundage (que curiosamente tinha origens não-nobres, ao contrário de Coubertin e Latour).

A Carta Olímpica de 1949, a segunda do pós-guerra, reforçava o entendimento anterior sobre o atleta amador, que seria aquele que se envolvia com o esporte sem interesses de ganho material de nenhum tipo, apenas pelo prazer de praticar o esporte. Nas duas décadas seguintes, 1950 e 1960, as minúcias dessa regra variaram um pouco, mas a restrição permanecia inequívoca. Wagg (2012, p. 331) salienta que, naquele momento, um atleta não poderia “capitalizar com sua fama”, seja aparecendo em propagandas ou ganhando dinheiro com “aparições na TV ou no rádio”. É evidente como isso soa hipócrita, já que desde a década de 1960 o COI recebia somas significativas pelos direitos de transmissão dos Jogos, ao mesmo tempo em que exigia dos atletas que permanecessem como amadores. Por outro lado, o crescimento da importância da mídia para os Jogos implicará, nas décadas seguintes, na pressão pelo fim do amadorismo, já que imprensa e espectadores queriam assistir aos melhores atletas em atividade, independentemente de serem profissionais ou não, competindo nas quadras, campos e ginásios.

A participação das nações socialistas no pós-Segunda Guerra deu ao amadorismo uma sobrevida, mas que não foi suficiente para deter seu declínio. Para o bloco soviético, a discussão sobre o profissionalismo não fazia tanto sentido, ainda que os países do Ocidente denunciassem o que a eles parecia uma forma de contornar o regramento. Nesse momento, já estava claro também que, burlando as regras do amadorismo, boa parte dos atletas possuía status profissional ou quase profissional, recebendo auxílio do Estado ou de patrocinadores. O equivalente aos atletas financiados pelo Estado nos países comunistas eram os atletas com bolsa universitária nos países ocidentais, bem como os atletas-militares, que estavam presentes nos dois blocos.

Na década de 1970, prossegue a decadência do amadorismo, com uma contínua flexibilização do COI em relação aos pagamentos por trabalho perdido (*broken-time*). Ainda assim, em uma espécie de “canto do cisne”, a Carta Olímpica de 1971 endurecia as regras, banindo aqueles que receberam “cargos no Exército, na força policial ou em um escritório do governo” e

proibindo “faculdades e universidades [que] oferecem bolsas de estudo para atletas de destaque e incentivos de vários tipos” (Apud RITCHIE, 2014, p. 831).

Mesmo em seu crepúsculo, o amadorismo ainda punia alguns atletas. O esquiador austríaco Karl Schranz⁹ foi proibido de participar dos Jogos Olímpicos de Inverno de 1972 por ser profissional, o que era comum a outros esquiadores de elite naquele momento. Esse caso selou a derrocada do amadorismo, pois deixava evidente as disparidades entre o credo amador e o que de fato acontecia no meio esportivo. Segundo Wagg (2012, p. 328), o problema foi que Schranz teria sido fotografado em um jogo de futebol usando uma camiseta que estampava uma propaganda de café. O esquiador teve sua medalha restituída ainda em vida, ao contrário de Jim Thorpe, citado acima. Ele recebeu sua medalha em 1988, 16 anos depois da conquista, pelas mãos do então presidente do COI Juan Antonio Samaranch.

Ao final dos Jogos Olímpicos de 1972, se encerrava o mandato de Brundage no COI, o que seria emblemático do fim de uma era: o progressivo abandono das noções de amadorismo, que já era significativo na década de 1960, se torna definitivo nos anos 1970. Lorde Michael Killanin, o sucessor de Brundage na presidência do COI, buscou modernizar o regimento sobre o amadorismo.

Avançando na linha do tempo olímpica, na nonagésima sétima Sessão do COI, em 1991, temos o abandono peremptório da regra do amadorismo, sob a liderança do presidente do COI à época, Juan Antonio Samaranch (COSTA, 2012, p. 98). A definição de amador, constante nas cartas olímpicas desde 1924, desaparece desse documento em sua edição de 1991. Nos Jogos de Barcelona, em 1992, os atletas profissionais são formalmente aceitos nas competições olímpicas.

Temos o fim do amadorismo, porém a ideia da prática esportiva para propósitos mais elevados, de formação pessoal, bem como a ideia dos Jogos Olímpicos enquanto um movimento sociocultural, acima de interesses simplesmente comerciais, são resquícios, apontados por alguns pesquisadores, da permanência do *ethos* amador na contemporaneidade. Outra discussão que toma o lugar do amadorismo é aquela sobre o *doping*, que emerge com força a partir da década de 1960. Gleaves (2011, p. 238) defende que “a ideologia classista do amadorismo forneceu o solo em que originalmente germinaram as atitudes antidopagem”.

Outro ponto de vista bem interessante é o de Gruneau (2006), que redireciona a discussão não para o colapso do amadorismo e as razões para isso ter ocorrido, mas para como o amadorismo se tornou tão influente e durou tanto tempo, a despeito de suas inúmeras incongruências. Uma das hipóteses, segundo o sociólogo, diz respeito à exitosa associação com os Jogos Olímpicos (modernos e antigos), o que concedeu prestígio aos defensores do amadorismo. Outra razão para o duradouro sucesso teria sido o apelo ao *ethos* das sociedades

modernas ocidentais em profunda transformação desde o final do século XVIII e nas quais o esporte cumpriria um importante papel no aprimoramento do indivíduo e no progresso da espécie humana.

Há aqui curiosamente uma mescla bem-sucedida de aspectos modernos e pré-modernos no vínculo do amadorismo com o esporte. Agradava, assim, tanto aos progressistas, que viam no esporte amador uma novidade cultural benéfica, que poderia influenciar também positivamente as classes trabalhadoras e populares, quanto aos reacionários, que cultuavam o amadorismo por outras razões – “força, dever, autenticidade e vitalidade masculina” (GRUNEAU, 2006, p. 577). Para outros, o amadorismo funcionava quase como uma espécie de religião do esporte e era objetivo último dos seus formuladores que ele se tornasse “senso comum”, a “imagem moral”¹⁰ hegemônica do esporte.

Considerações Finais

Ao concluir este artigo, gostaria de sumarizar alguns pontos sobre o amadorismo no movimento olímpico e suas aproximações com o Olimpismo.

Apesar de ser um tema não tão explorado ou debatido atualmente, o amadorismo teve consequências muito reais ao longo da história olímpica. Entre os anos 1920 e 1970, não seria exagero dizer que o amadorismo esteve no centro da discussão política no Movimento Olímpico (WAGG, 2012, p. 326).

Debater o amadorismo é, a meu ver, pensar sobre a própria apropriação social do esporte no curso da história. Afinal, subjacente às discussões sobre a essência do amadorismo estavam as interdições sobre quem poderia ser atleta, quem estava socialmente autorizado a praticar e competir oficialmente e em que condições isso se dava (elites e classes populares dispendo de possibilidades distintas). Segundo Pierre Bourdieu (1978, p. 826),

[...] o campo das práticas esportivas é o local de lutas em que o que está em jogo, entre outras coisas, é o monopólio da capacidade de impor a definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva – amadorismo vs. profissionalismo, participante esportivo vs. espectador esportivo, esporte distintivo (de elite) vs. esporte popular (de massas).

Nesse sentido, enquanto ponto de controvérsias no esporte por muitas décadas, o debate em torno do amadorismo é eminentemente uma questão política e uma querela de fundo social.

Foram os Jogos Olímpicos os responsáveis por projetar os ideais do amadorismo internacionalmente. Apesar de ser um conceito inicialmente mais restrito ao mundo anglo-saxão, o amadorismo se espalhou globalmente graças ao suporte do Movimento Olímpico. A despeito de sua convocação ao internacionalismo, os Jogos estavam calcados fortemente em elementos do imperialismo cultural europeu, que colocavam a Europa na vanguarda civilizacional¹¹. O amadorismo era também um produto desse meio. Com sua ética segregacionista, o *ethos* amador não era estranho a outras iniciativas do COI, como a proibição inicial e, posteriormente, o cerceamento à participação feminina e mesmo a composição original desse comitê¹². Sendo assim, o amadorismo figurava então como um mecanismo de hegemonia de classe, parte das tentativas de manter o esporte como um espaço reservado às elites, onde as parcelas mais pobres da população teriam de se resignar, no máximo, ao lugar de espectadoras.

Com o passar do tempo, conforme aumentava o sucesso dos Jogos, maiores eram as rivalidades entre as nações, colocando sob tensão o amadorismo, visto que um maior nível de competitividade das disputas olímpicas acarretava a necessidade de especialização esportiva e consequentemente de profissionalização. Apesar de pregar a justiça e a igualdade, o amadorismo excluía grandes parcelas da população da prática esportiva, favorecendo os mais ricos, o que cada vez mais parecia também uma ideia fora de lugar. Por fim, o amadorismo haveria de lutar ainda contra outros adversários: o capitalismo comercial, que financeirizava e commodificava o esporte, e a mídia, que defendia aquilo que proporcionasse um melhor espetáculo para o espectador.

Embora “derrotado” definitivamente na virada da década de 1980 para 1990, o amadorismo enquanto ideia de prática esportiva para propósitos mais elevados ainda se faz presente em escolas e comunidades esportivas e mesmo na Carta Olímpica, que coloca o esporte e sua prática acima de questões meramente comerciais. Esse espírito esportivo pregado pelo COI, que caracteriza os Jogos enquanto um movimento cultural e social, faz parte até mesmo dos argumentos do marketing olímpico, sendo um aspecto que o diferenciaria de outros grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo.

Ao contrário do que seus defensores mais ardorosos propugnavam, o amadorismo não era fundamental para o Olimpismo ou para a realização dos Jogos. Afinal, se assim o fosse, com a sua extinção na década de 1990 e mesmo seu desmonte nas décadas anteriores, era esperado que os Jogos Olímpicos sentissem algum impacto. Não foi isso que aconteceu, pelo contrário. Os Jogos cresceram de tamanho, em sentido inverso ao esmaecimento do amadorismo.

Referências:

- AMARO, Fausto. **Os jogos olímpicos na capital da República**: Narrativas da imprensa e campo esportivo no Rio de Janeiro (1890-1935). 2018. 417f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- BARBERO, Jesus Matín. **Dos meios às mediações**: cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. "Sport and Social Class". **Social Science Information**, v. 17, p. 819-840, 1978.
- BULLETIN DU COMITÉ INTERNATIONAL DES JEUX OLYMPIQUES, Paris, Ano 1, n. 1, jul. 1894.
- CHATZIEFSTATHIOU, Dikaia; HENRY, Ian. **Discourses of Olympism**: From the Sorbonne 1894 to London 2012. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2012.
- CLASTRES, Patrick. La renaissance des Jeux Olympiques, une invention diplomatique. **Outre-Terre**, v. 3, n. 8, p. 281-291, 2004.
- CLASTRES, Patrick. Playing with Greece. Pierre de Coubertin and the Motherland of Humanities and Olympics. **Politique, culture, société**, n. 12, set.-dez. 2010.
- COSTA, Alcides Vieira. **Estratégias das Organizações Desportivas**. As Grandes Linhas Ideológicas de Orientação Estratégica do Comité Olímpico Internacional: de Atenas (1896) a Pequim (2008). Tese de Doutorado. Universidade Técnica de Lisboa (Portugal), 2012.
- COUBERTIN, Pierre. **Pierre de Coubertin**: Olimpismo – Seleção de textos (Norbert Muller e Nelson Schneider Todt [Editores]). Porto Alegre: ediPUCRS, 2015.
- DAMO, Arlei Sander. O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre o futebol. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (Anpocs), 26., 2002, Caxambu. **Anais...** Caxambu: Anpocs, 2002.
- DUNNING, Eric; SHEARD, Kenneth. **Barbarians, Gentlemen and Players**: A Study of the Development of Rugby Football. Oxford: Martin Robertson, 1979.
- GIGLIO, Sérgio Settani. **COI x FIFA**: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- GRUNEAU, Richard. "Amateurism" as a Sociological Problem: Some Reflections Inspired by Eric Dunning. **Sport in Society**, v. 9, n. 4, p. 559-582, 2006.
- GLEAVES, John. Doped Professionals and Clean Amateurs: Amateurism's Influence on the Modern Philosophy of Anti-Doping. **Journal of Sport History**, v. 38, n. 2, p. 237-254, 2011.
- GUTTMANN, Allen. **From Ritual to Record**. New York: Columbia University Press, 1978.
- HOBSBAWM, Eric. A Produção em Massa de Tradições: Europa, 1879 a 1914. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 271-316.
- HUGGINS, Mike. **The Victorians and Sport**. Londres: Hambledon and London, 2004.
- LLEWELLYN, Matthew. The curse of the shamateur. **Journal of the History of Sport**, v. 28, n. 5, p. 796-816, 2011.

- LOEW, Guy-Lionel. Amteurism and the Olympic Movement: the stakes of a definition of amateurism under the light of the case of Karl Schranz - 1972 Winter Games Sapporo, Japan. **Journal of Olympic History**, n. 13, p. 24-30, jan. 2005.
- LUCAS, John. Olympic Genesis: the Sorbonne Conferences of 1892 and 1894. **Olympic Review**, n. 85-86, p. 607-610, nov./dez. 1974.
- LUCAS, John. **Future of the Olympic Games**. Champaign, Illinois: Human Kinetics, 1992.
- MACALOON, John J. The mighty working of a symbol: from idea to organization. **The International Journal of the History of Sport**, v. 23, n. 3-4, p. 528-570, 2006.
- MELO, Victor. **Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Faperj, 2001.
- MORGAN, William J. Amateurism and Professionalism as Moral Languages: In Search of a Moral Image for Sport. **Quest**, v. 45, p. 470-493, 1993.
- REVUE OLYMPIQUE, Paris, ago. 1909.
- RITCHIE, Ian. Pierre de Coubertin, Doped “Amateurs” and the “Spirit of Sport”: The Role of Mythology in Olympic Anti-Doping Policies. **The International Journal of the History of Sport**, v. 31, n. 8, p. 820-838, 2014.
- SENN, Alfred E. **Power, Politics, and the Olympic Games: A History of the Power Brokers, Events, and Controversies that Shaped the Games**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1999.
- WAGG, Stephen. “Tilting at Windmills? Olympic Politics and the Spectre of Amateurism. In: LENSKEYJ, H. J.; WAGG, Stephen. **The Palgrave Handbook of Olympic Studies**. New York: Palgrave Macmillan, 2012, p. 321–336.
- YOUNG, David C. From Olympia 776 BC to Athens 2004: The origin and authenticity of the modern Olympic Games. In: GIRGINOV, Vassil (Org.). **The Olympics: a critical reader**. Nova Iorque: Routledge, 2010, p. 40-49.

Notas:

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/UERJ). Professor Adjunto do Departamento de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da mesma instituição. Possui bolsa Prociência na UERJ. E-mail: faustoarp@hotmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-9537-5408>

² A palestra está disponível na íntegra no canal do SESC Pompéia no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=etI1zveRARU&t=863s&ab_channel=SescPompeia>. Acesso em: 23 jan. 2024.

³ Para uma crítica do binômio amadorismo/profissionalismo especificamente no futebol, sugiro a leitura de Damo (2002).

⁴ Todos os trechos de obras em língua estrangeira foram traduzidos livremente por mim.

⁵ De acordo com o site oficial do COI, a sessão olímpica “é a assembleia geral dos membros do COI. É o órgão supremo do COI e as suas decisões são finais. Uma Sessão Ordinária é realizada uma vez por ano, enquanto as Sessões Extraordinárias podem ser convocadas pelo Presidente ou mediante solicitação por

escrito de pelo menos um terço dos Membros”. Disponível em: <<https://olympics.com/ioc/session>>. Acesso em: 17 jul. 2024.

⁶ Para uma discussão pormenorizada sobre a disputa entre FIFA e COI em torno das definições de amador e profissional no futebol, ver a tese de Giglio (2013).

⁷ No caso do atletismo e do hóquei, o motivo não foi, todavia, o protesto contra o *broken-time*.

⁸ Vejamos um exemplo: “Branco é branco - preto é preto, e um amador é um amador, aquele que se dedica ao esporte exclusivamente para o prazer e os benefícios físicos, mentais ou sociais que daí derivam e para quem o esporte nada mais é do que uma diversão. Ninguém pode mudar a regra do amador. *Um atleta é um amador apenas enquanto está competindo pelo amor ao esporte*” (BRUNDAGE, 1947 apud LOEW, 2005, p. 261, grifos meus).

⁹ Anteriormente, em 1940, nos Jogos que aconteceriam naquele ano, o esqui alpino já havia sido cancelado da competição, porque a Federação Internacional de Esqui não havia enviado as regras de amadorismo para o esporte. Em Grenoble, França, 1968, a Federação Internacional de Esqui irritou o COI ao permitir que os equipamentos dos esquiadores apresentassem a marca dos fabricantes.

¹⁰ Morgan (1993), a partir de um conceito da filósofa Hilary Putnam, define o amadorismo como uma “imagem moral”. Imagens morais, segundo ele, seriam “maneiras de retratar, organizar, especificar e ordenar ideias e valores morais complexos” (1993, p. 470). Morgan explica que quando um modo de vida, amparado por suas imagens morais e ideais, morre, ele deixa de “ressoar de forma significativa com a realidade social de nossas vidas”. No caso do amadorismo no esporte, ele considera que a queda do bloco soviético (e consequentemente do socialismo), ao final da década de 1980, foi crucial para o seu declínio.

¹¹ Muitos pesquisadores de estudos olímpicos apontam que, apesar de a retórica fundadora do Movimento Olímpico pregar ideais universais e de igualdade de oportunidades para pessoas e nações, o Olimpismo ao longo da história apresentou uma imagem por vezes excludente, elitista e racista. O próprio Coubertin, em seus escritos, atribuía características raciais aos povos nativos da Ásia e África, enquanto associava à “raça” branca o papel de principal força civilizadora do mundo.

¹² É oportuno lembrar que os 13 primeiros membros do COI eram oriundos das chamadas classes “ociosas” (“leisured classes”). Entre 1896 e 1920, dos 97 membros do COI, seis eram da realeza e 35 da nobreza – 42% do total de membros.